

Literatura Brasileira Contemporânea

Brasília, segunda quinzena de maio de 1997 - ano I, nº 3.

boletim

Pactos de cumplicidade

Claudia S. Quiroga Cortez
Isabel Cristina M. de Aguiar

"Meninão do caixote", de João Antônio (in *Malagueta, perus e bacanaço*; Rio: Civilização Brasileira, 1963); "Mãe", de Domingos Pellegrini Jr. (in *O homem vermelho*; Rio: Civilização Brasileira, 1977); "Menina", de Ivan Ângelo (in *A face horrível*; Rio: Nova Fronteira, 1986); "Cumplicidade", de Victor Giudice (in *Salvadora janta no Lamas*; Rio: José Olympio, 1989); e "Uma branca sombra pálida", de Lygia Fagundes Telles (in *A noite escura e mais eu*; Rio: Nova Fronteira, 1995).

Mãe é mãe. Tudo bem. Mas tanto no que diz respeito à mãe-sujeito, quanto à mãe-predicativo inúmeras podem ser as variantes. Especialmente em tempos de transformação da estrutura familiar...

Os contos "Mãe", de Domingos Pellegrini Jr.; "Menina", de Ivan Ângelo; "Cumplicidade", de Victor Giudice; "Meninão do Caixote", de João Antônio; e "Uma branca sombra pálida", de Lygia Fagundes Telles falam, cada um sob uma perspectiva distinta, sobre a figura da mãe e sua relação com os filhos.

No conto "Menina", a descoberta das peculiaridades inerentes à condição de ser mãe se dá basicamente no plano da linguagem. É assim que Ana Lúcia se vê obrigada a defender a mãe de um rótulo injusto e cruel: o da palavra desquitada, ao mesmo tempo que tece especulações sobre o provável sentido do misterioso vocábulo. A percepção dos preconceitos sociais contra a mãe desquitada se dá, desta forma, intuitivamente nas tentativas que, ao fracassarem por não alcançarem o verdadeiro significado, são perspicazes na constatação das conotações. A relação de cumplicidade criada pelo termo inicialmente desconhecido se consolida na revelação de seu significado. Neste momento, mãe e filha solidarizam-se enquanto duas mulheres abandonadas por aquela palavra desconhecida e misteriosa, tão prazerosa de pronunciar: papai. Como o próprio título já indica, são as relações de cumplicidade o eixo da convivência de mãe e filha no conto de Victor Giudice. As recordações de infância da narradora encontram, na cumplicidade da troca de sorrisos entre ela e mãe, uma arma desprezível de resistência pacífica à falsa autoridade moral do pai.

As relações de cumplicidade entre mães e filhos tendem a estabelecer elos bem mais resistentes que aqueles da consanguinidade ou do bom convívio social. A afetividade desconhece princípios. No descumprimento das normas impostas, compartilham como parceiros normas e regras muito particulares, alheias às noções de



tela de Dacosta

certo e errado. Bons exemplos disto são os contos "Mãe" e "Meninão do Caixote".

No primeiro caso, a cumplicidade constitui para a mãe uma bandeira, um estandarte para a causa da maternidade. Por isso, ao ser interrogada disfarça, mente, inventa; contudo, não se cansa de afirmar e reafirmar a bondade do filho. O clima de repressão política que se inscreve nas linhas silenciadas pelo texto instaura a necessidade de que a mãe estabeleça um sistema alternativo de valores, capazes de sustentar a inocência do filho, fazendo com que ela persista sendo-lhe fiel.

No segundo caso, é a mudança de uma atitude inicialmente punitiva para uma atitude de cumplicidade que reaproxima mãe e filho. Se as surras adotadas em um primeiro momento como forma de repreensão ao adolescente que deixava escola e tudo mais para dedicar-se ao jogo de nada adiantaram, um gesto de aparente conformação demonstrou-se muito mais eficiente, fazendo com que o Meninão do Caixote, num misto de remorso e ternura, abandonasse o jogo e as apostas, o vício e o orgulho.

Cada um destes contos apresenta retratos muito específicos das diversas formas da maternidade em contextos sociais e históricos bem definidos. É a mãe desquitada e marginalizada, obrigada a educar e a manter os filhos sozinha; a mãe de classe média, cuja vida se

(continua)

MÃES E FILHOS

Pactos de cumplicidade

(continuação)



encerra nos infindáveis cuidados com a casa e com os filhos; é a provedora da casa solitária e saudosa do filho desaparecido por motivos políticos; é a mãe que definha com o peso do trabalho árduo, preocupada com o futuro incerto do filho. O excesso de trabalho, a condição de mulheres oprimidas e vitimadas, a ausência, a indiferença ou a atitude execrável dos maridos são preocupações comuns no retrato de todas estas mães que, em última instância, atendem satisfatoriamente às exigências que lhe são feitas. Provêem aos filhos toda a compreensão, conforto, calor e proteção necessárias. Neste sentido, "Uma branca sombra pálida" aborda a questão da maternidade de acordo com uma perspectiva distinta. Não só porque a mãe é o sujeito e não o objeto da reflexão, mas, sobretudo, porque refuta-se o direito de representar o papel de sofredora, cúmplice da filha também vítima de uma estrutura familiar ou social injusta. Sob o jugo de uma memória implacável, que a faz remoer insistentemente o sentimento de culpa pelo suicídio da filha, a mãe no conto de Lygia Fagundes Telles contém traços muito mais fortes de ambigüidade. Sua relação com a filha não compartilha da mesma cumplicidade que o pai ou a paixão de Oriana. Seu amor não se constitui tanto num ícone de proteção, calor e acolhimento, quanto numa forma de aprisionamento que restringe, que sufoca e que, em circunstâncias extremas, chega até mesmo a matar.

A obsessão do amor materno não pressupõe qualquer condição de liberdade. Esta maneira de amar reclama para si direito à propriedade sobre o objeto amado. Sendo assim, a repulsa pelo amor entre a filha Gina e Oriana não decorre diretamente do apego a princípios morais, mas do ciúme, de um amor possessivo que exige exclusividade.

O contraste das rosas brancas e das vermelhas sobre o túmulo de Gina, o contraste do amor materno e o amor passional encerra o embate entre uma força interna, empalidecedora, que se recusa a deixar que a filha conquiste seu espaço no mundo, e uma força externa, que luta para arrancá-la do domínio materno. Quando só restarem as rosas brancas sobre o túmulo, ficará a impressão de que um dos lados venceu a batalha; contudo, a branca sombra tornar-se-á ainda mais pálida.

A partir destes pactos de cumplicidade ora firmados, ora rompidos, estes contos apresentam cinco perspectivas, cinco peças de um imenso quebra-cabeças, que hispanicamente apelidamos de "madredad".

Claudia S. Quiroga Cortez é mestre em Teoria Literária pela Universidade de Brasília.

Isabel Cristina M. de Aguiar é mestranda em Teoria Literária na Universidade de Brasília.

LANÇAMENTOS

Sant'Anna e Loyola Brandão

⇒ *Veia bailarina* - Ignácio de Loyola Brandão. S. Paulo: Global.

Neste novo livro, o autor de *Zero* narra uma experiência pessoal dolorosa: a descoberta de que portava um aneurisma cerebral e, portanto, a convivência com o risco da morte (ou de uma existência vegetativa). Diante disso, as lembranças do passado e os pequenos momentos do cotidiano ganham novo valor.

⇒ *Contos reunidos* - Sérgio Sant'Anna. S. Paulo: Companhia das Letras.

Depois de Rubem Fonseca e Moacyr Scliar, é a vez de Sérgio Sant'Anna ter sua obra contística publicada num só volume pela editora paulistana. O livro mostra um escritor irregular, por vezes preso a modismos e vítima do facilitário, mas instigante e original em seus melhores momentos.

TRECHO DE POEMA

Cocktail party

Mario Quintana



Não tenho vergonha de dizer que estou triste,
Não dessa tristeza ignominiosa dos que, em vez de se
matarem, fazem poemas:

Estou triste porque vocês são burros e feios
E não morrem nunca...

Minha alma assenta-se no cordão da calçada
E chora,

Olhando as poças barrentas que a chuva deixou.

[...]

Fonte: Mario Quintana - *Nova antologia poética*. Porto Alegre: Globo, 1985.

Sexta, dia 30 de maio

Uma história de família, de Silviano Santiago

O romance de Silviano Santiago é o
tema da próxima reunião do GT.

**Sexta, 30 de maio, às 16 hs., na sala
B1-242 (ICC Centro).**

VOCÊ NÃO PODE PERDER!

Obras para os próximos encontros:

13/6 - *Perversas famílias*, de L. A. de Assis Brasil

27/6 - *Ópera dos mortos*, de Autran Dourado

11/7 - *Bandoleiros*, de João Gilberto Noll